

# RELIGIÃO E ROMANTISMO

Aroldo Mira Pereira

“Religião é o sentido e gosto pelo infinito.”

F. Schleiermacher

A Alemanha do final do século XVIII presenciou o nascimento do que se conhece como movimento Romântico, que não se restringiu à literatura ou às artes, mas influenciou toda cultura européia, abrangendo religião, política, ciência e filosofia também. Nomeados posteriormente pela historiografia alemã como Círculo de Jena ou Escola Romântica alguns pensadores, entre eles os irmãos Schlegel, Novalis, Schelling e Schleiermacher iniciam seus encontros em 1797. Neste momento do que se conhece como Primeiro Romantismo, seus protagonistas são motivados e inspirados pela obra de Fichte, a *Teoria da Ciência* (1794), valorizam a tentativa de unificação especialmente da natureza com o Absoluto. Para tal pretensão, o “Eu” fichteano é bem acolhido pelos românticos<sup>1</sup>.

Essa necessidade de unidade com o Absoluto permite, ao mesmo tempo, que se desnude ao romântico a descoberta de sua própria distância do Absoluto. É desse abismo que brota a melancolia, um sentimento, ou estado de espírito, essencial para a inspiração e produção romântica.

Entre os caminhos escolhidos pelos românticos para este encontro com o Absoluto estão a arte, como educadora da humanidade, a poesia, como mais apropriada expressão de arte e a religião, ou sentimento religioso, como o mais próximo ao sentimento do Absoluto.

Sem dúvida, há um rasgo esteticista no Romantismo. Mas a tendência em querer resolver tudo pela arte está fundamentada no espírito religioso característico do romantismo. Porque, de fato estas idéias constituem, com alguma reserva, o lastro comum do pensamento romântico. E por isso, é de extrema importância aproximarmo-nos da sua concepção religiosa, o que pode ser feito, em um primeiro momento, através de Schleiermacher. (Bornheim, s/d, p. 94)

Neste trabalho, pretendemos investigar o lugar da religião no movimento romântico pelas vias do pensamento de Friedrich Daniel Ernest Schleiermacher (1768-1834), teólogo e filósofo alemão, conhecido pela expressiva contribuição a hermenêutica moderna e a teologia liberal<sup>2</sup>.

Inicialmente, pela própria inspiração romântica, a religião será rejeitada de pronto. Mas que religião se rejeita? Aquela expressa pela hierarquia eclesiástica, pelos templos e

pela Escritura revelada. Mas também a religião produzida pela Reforma e mantida pelo protestantismo, conforme sinaliza Gerd Bornheim ao comentar a posição de Novalis sobre a religião:

A substituição do amor e da fé pelo saber e pelo possuir teriam rompido a unidade da Europa. A Reforma, terminando a obra de ruptura dessa unidade, trouxe o individualismo e a anarquia religiosa, acabando por subordinar, sempre mais, os valores religiosos aos políticos. Presa em fronteiras, a religião sofre um processo de plurificação, impedindo a Igreja de exercer a sua função política pacificadora.

O protestantismo teria arruinado a cristandade, desespiritualizando-a, substituindo a riqueza da tradição cristã pelo fanatismo da letra, pelo trabalho de exegese, terminando por sufocar a fé. (Bornheim, s/d, p. 108)

O que se recebe com boas expectativas no meio romântico é uma religião da fantasia, própria para o espírito lúdico dos românticos. E como a religião cristã mostrava-se em decadência, coube a arte a tarefa de guardar a semente religiosa.

Novalis, F. Schlegel e Schleiermacher desenvolveram o projeto de transformação da religião em estética.

Nesta religião o homem vai do florescimento da sua liberdade criativa até a autodivinação, tornando-se um mediador que torna a descoberta de um deus em si sabida a todos os homens por palavras ou ações. Tal mediação assemelha-se a do artista que traz ao mundo o belo.

Em lugar do Deus cristão revelado há o próprio indivíduo na mais alta potência.

Um certo panteísmo é evidente para esse primeiro momento da religião romântica, que dissolvia Deus na natureza e nas potencialidades humanas.

A natureza agora é divina e cheia de mistérios que atraem a atenção de românticos como Friedrich Schleiermacher, um dos precursores do movimento.

O pregador protestante de vocação kantiana, de forma mais radical que o próprio Kant, provocou duas reduções: da razão teórica ao espaço infinito, rejeitando toda especulação metafísica, e da religião à moral, rejeitando as concepções fantásticas da graça e do além.

Schleiermacher teria, então, com pouca modéstia, “enriquecido as três capacidades humanas – a razão teórica, a razão prática e o juízo – com uma quarta: o juízo religioso ou o *a priori* da religião como expressão do infinito” (Safranski, 2010, p. 132).

A experiência religiosa está, portanto, a meio caminho tanto da razão quanto da moral. É contemplação e sentimento de ligação ao infinito, um sentido para o universo.

Esta união com o infinito, o Absoluto, ao contrário do que pretendia Fichte em sua *Teoria da Ciência*, não se dá pelos métodos racionais e discursivos, mas através dos sentimentos. E, acompanhado de todos os românticos, Schleiermacher nega o *cogito ergo sum* e afirma o *sinto, logo sou*.

Ainda com esta valorização do sentimento é importante considerar que a razão não recebe o desprezo dos românticos. Gerd Bornheim esclarece que “não é justo asseverar que os românticos desprezam a razão: no máximo, a menosprezam; o descaso completo à razão é incompatível com o seu sentido de totalidade, de integração harmonizadora. Mas, sem dúvida, o sentimento ocupa um lugar privilegiado na postura romântica” (Bornheim, s/d, p. 95). E continua: “A obsessão do romântico é sempre o absoluto, a totalidade. E por isso o sentimento romântico adquire uma coloração religiosa que lhe é própria, e que se traduz, em sua forma mais típica, na nostalgia, quer dizer, na impossibilidade de integrar-se plenamente no Absoluto” (IBDEM.).

F. Schlegel, enaltecendo a religião do sentimento de Schleiermacher, afirma:

A religião não é apenas uma parte da cultura interior, um elemento da natureza humana, mas o centro de todo o resto, o que há de primeiro e de supremo, o absolutamente original (...), a relação do homem com o infinito (...), a intuição ou a revelação do universo que não se pode nem explicar, nem reduzir a conceitos, (...) o que tão bem compreendeu Spinoza e o que hoje nos mostram os *Discursos sobre a Religião*. (Schlegel, s/d *apud* Bornheim, s/d, p 95)

Rüdiger Safranski destaca alguns aspectos da religião desenvolvida por Schleiermacher que exerceram influência sobre os românticos.

*A união com Deus, ou a participação na divindade, como participação na vida aqui e agora* e não numa vida pós-morte. A experiência da imortalidade é explicada da seguinte forma: mesmo estando no meio do infinito, poder tornar-se uno com o infinito e ser eterno num momento. Nas palavras de Schleiermacher: “A imortalidade não pode constituir nenhum desejo se ela não tem sido previamente uma tarefa que vós tendes realizado. Em meio à finitude, fazer-se um com o Infinito e ser eterno em um instante: tal é a imortalidade da religião” (Schleiermacher, 2000, p. 77).

*A mística do ser tomada de forma anti-institucional*. Não há necessidade de igreja, sacerdotes, hierarquias, rituais e sacramentos ou qualquer outro mediador além do próprio indivíduo. E, ao contrário do que pode parecer a princípio, a mística do ser não conduz a um isolamento, mas abre e possibilita à união com o universo e estabelece uma comunidade da comunicação viva.

*O amor como lugar de união para tudo, inclusive também do mal.*

*O dogmatismo cristão, compreendido não como revelação das escrituras, mas como revelação de cada nova e original concepção do universo, que faz de cada indivíduo centrado em si mesmo e dedicado ao universo um palco dela.*

Sim, quem não vê o próprio milagre como ponto de apoio para a contemplação do mundo, aquele em cujo interior não emerge a própria revelação, quando a sua alma anseia por sugar a beleza do mundo [...] quem não sente aqui e ali com a convicção viva que um espírito divino o movimenta, e que ele fala e age de acordo com a inspiração sagrada; quem pelo menos não tem consciência de que os sentimentos resultam das ações diretas do universo não tem religião alguma. (Schleiermacher, s/d *apud* Safranski, 2010, p 135)

Sua religião proposta era uma *religião estética*, pois se tratava de um sentimento e contemplação, não de um agir moralmente. O sentimento para o universo, de caráter religioso, é também um sentimento para a beleza, porque a alma do homem religioso anseia por sugar a beleza do mundo.

Além destes pontos importantes para o movimento romântico, Schleiermacher considera relevante não abandonar a ciência e a técnica na busca pelo infinito. O homem religioso, ligado ao infinito, continua atento a estas coisas, ao finito, porém de uma forma mais fluida e dinâmica que o torna livre da paralisação que conduz ao fanatismo tanto da religião quanto da ciência.

A experiência religiosa, como acontece com a arte, não serve a um fim, a uma vida além, mas é o fim em si mesmo, como expressão do infinito no momento fugaz. Lançar-se assim ao infinito é também submeter-se ao Absoluto. Idéia que encontrou certa rejeição num círculo ansioso por liberdade.

Porém, para Schleiermacher, este sentimento de dependência do Absoluto está relacionado à ligação com o mistério da natureza, um mecanismo vivo, princípio criativo que sentimos em nós. Isso espelha a própria liberdade humana.

A liberdade humana é confundida com a liberdade do todo, sem determinismos do agir de uma pessoa sobre os homens. Não haveria a existência de pessoa além do infinito. Deus, então, seria o espírito do infinito e não um espírito além do infinito.

A existência de um universo livre acessível pelos homens só pode ser imaginado pela fantasia própria do romântico que encontra no solo fértil do sentimento religioso um lugar apropriado para se desenvolver.

## Referências bibliográficas:

BORNHEIM, Gerd. Filosofia do Romantismo. In: J. Guinsburg (Org.) O Romantismo. São Paulo: Editora Perspectiva, s/d, p. 75-111.

D'ANGELO, Paolo. A Estética do Romantismo. Lisboa, Portugal: Editora Estampa, 1998.

NUNES, Benedito. A visão Romântica. In: J. Guinsburg (Org.) O Romantismo. São Paulo: Editora Perspectiva, s/d, p. 51-74.

SAFRANSKI, Rüdiger. Romantismo: uma questão alemã. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre a Religião. São Paulo: Editora Novo Século, 2000.

---

<sup>1</sup> Sobre o lugar privilegiado do *Eu* fichteano no Primeiro Romantismo, esclarece Benedito Nunes: “Precursor da hegemonia da subjetividade no Romantismo – da dominância da experiência individual subjetiva –, esse avultamento do sujeito, em que a direção epistemológica do pensamento da época clássica se inverte, demitiu o individualismo racionalista da Ilustração, substituindo-o por um *individualismo egocêntrico*, que vinculou o lastro idealista e metafísico da visão romântica à capacidade expansiva e à força irradiante do Eu. Ponto cêntrico da realidade e passagem para o universo, o Eu, assim configurado, assegurou um primado ontológico à interioridade, à vida interior, que foi sinônimo de *profundeza, espiritualidade, elevação e liberdade*, no vocabulário do Romantismo, quando não significou também o ‘solo sagrado’ da verdadeira vida, o recesso do ideal, de onde o sentimento religioso brota, onde a perfeição moral se abriga e a arte começa. A dimensão ética e religiosa, a par do alcance cognoscitivo conquistado pela atividade artística ou poética, que sintetiza a operação mais completa do espírito, estaria subordinada a esse primado.” (Nunes, s/d, p. 58.)

<sup>2</sup> Com a dissolução do Círculo de Jena, por volta de 1800, quando cessou as publicações do *Athenaeum*, revista mantida pelo grupo, “Schleiermacher abandonou Berlim para aceitar o cargo de pregador numa cidadezinha de província, e quando regressar a capital prussiana como docente na universidade recém-fundada, os seus interesses concentrar-se-ão, na ética, na teologia e na hermenêutica, enquanto as lições de estética entre os anos de 1819 e 1834 (e que serão publicadas postumamente em 1842) o revelarão esquecido dos companheiros de juventude, com pouquíssimo espaço dedicado à temáticas autenticamente românticas” (D’Angelo, 1998, p. 19).